

O CONTRA ALMIRANTE

MANOEL JOSÉ ALVES BARBOSA

EX-MINISTRO DA MARINHA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

1896-1898



Se Ex^{ta} L. Dr. Rubens José
de Moraes e Barros.

So-12-88.

1-1
4-1

Est - 4

Prat - 1

Y-14 v

66

ESBOÇO BIOGRAPHICO

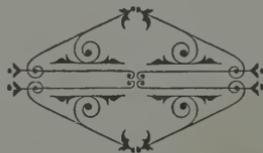


O CONTRA ALMIRANTE

Manoel José Alves Barbosa

EX-MINISTRO DA MARINHA

1896—1898



003343

RIO DE JANEIRO

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO" DE RODRIGUES & COMP.

1898



O CONTRA-ALMIRANTE
MANOEL JOSÉ ALVES BARBOSA
EX-MINISTRO DA MARINHA

Ao Exm. Sr.

Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa.

Senhor ! Alguns officiaes das diversas classes da Armada, vossos amigos e admiradores do vosso alto merecimento e dos valiosos serviços que como Ministro acabaes de prestar á Marinha, resolveram reunir n'este pequeno opusculo a vossa biographia militar, a vossa significativa homenagem ao Dr. Prudente de Moraes e o juizo que da vossa administração fez o decano da imprensa brazileira, o conceituado e imparcial órgão da opinião publica o *Jornal do Commercio*, como uma singella manifestação do preito a quem tem direito, quem tanto trabalhou pelo engrandecimento e futuro da Armada.

Aceitai, pois, esta lembrança dos vossos camaradas, que jamais esquecerão os exemplos de civismo e amor á classe, que soubestes dar-lhes.

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1898.



O Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa

EX-MINISTRO DA MARINHA

1896 — 1898

Manoel José Alves Barbosa não é do numero d'aquelles que carecem do prestigio dos altos cargos para se tornarem salientes ; seus talentos, sua competencia no ramo da engenharia naval que abraçou, já lhe haviam dado logar de honra entre os mais distinctos officiaes de nossa armada, antes que lhe fosse confiada a gestão dos negocios da Marinha.

O esboço biographico que nestas linhas deixamos traçado não é mais do que uma modesta homenagem dos seus camaradas que, acompanhando dia a dia a sua vida ministerial, desapassionadamente

apreciando os seus ingentes esforços em beneficio da marinha nacional, tanto militar como mercante, entenderam offerecer-lhe a opinião do decano da imprensa nacional, do *Jornal do Commercio*, como uma lembrança do muito que fez, do muito que tentou fazer,—e para que não diremos toda a verdade—, como uma eterna recordação de sua passagem no Ministerio.

Entregando a pasta da Marinha a seu successor, poderá com a maior isenção de animo dizer-lhe ; fiz quanto me foi possivel para reorganisação da Marinha, cavei os alicêrces, ergui as columnatas, a vós o assentamento da cupola !

Alves Barbosa é filho de suas proprias obras ; seu nome está burilado nas paginas da historia naval, como preclaro membro dessa phalange heroica que tão brilhantemente soube engrinaldar de immarcessiveis louros a estremecida bandeira nacional, levando de Montevidéo a Assumpção por entre o fumo dos combates a liberdade aos povos escravizados pela tyrannia, pelo despotismo, pela caudilhagem !

A Bahia, esse viveiro de notabilidades em todos os ramos do saber humano, foi o berço de Barbosa, que ahi nasceu a 10 de Dezembro de 1845.

Em Fevereiro de 1862, satisfeitos os exames de admissão ao curso da Academia de Marinha, teve

praça de aspirante, e em Novembro de 1865, concluindo o curso com approvações distinctas, foi promovido a Guarda-Marinha.

O governo paraguayo acabava de declarar a guerra ao Brazil, que, acceitando o repto, fez marchar seus filhos em defesa de seus direitos ultrajados. Ninguem ignora o que foi a longa campanha do Paraguay e qual o papel que coube á nossa Marinha nessa cruenta lucta, cujos marcos terminaes ella consagrou, baptisando os dous mais importantes couraçados de sua força naval com os respectivos nomes—Riachuelo e Aquidaban.

Nessa epopéa titanica, em que paraguayos e brasileiros firmaram com o sangue de suas feridas o heroismo dos povos sul-americanos, Alves Barbosa estreitou o seu valor.

Recebeu o baptismo do fogo no ataque e retomada de Corrientes a 25 Maio de 1865, e dias depois, 11 de Junho, tomava parte no brilhante feito d'armas, no memoravel «Combate naval de Riachuelo» onde a esquadra brasileira, como a de Farragut em Mobile, batia-se contra tres classes de baterias, zombando dos fogos convergentes da artilharia assestada na barranca, do tiro em cheio dos canhões dos navios e do tiro rasante das chatas !

A nação agradecida, pelo orgão de seu Chefe, elogiou Alves Barbosa e collocou-lhe no

peito a medalha commemorativa dessa victoriosa jornada.

E quando, depois de successivos rigores proprios á natureza das operações, no calido clima tropical, depois de longas vigílias e privações, os navios da esquadra de Barroso forçaram as passagens das barrancas de Mercedes e de Cuevas, debaixo de vivo e mortifero fogo do inimigo, entre o punhado de bravos que enfrentaram a morte com a convicção do dever, achava-se Alves Barbosa.

E quando mais tarde, assistindo em 1 e 2 de Setembro a formidaveis ataques contra as baterias de Curuzu e de Curupaity e ao assalto das mesmas em 3 pelo 2º corpo do nosso exercito, que fôra então protegido pelo navio em que se achava Barbosa, a artilharia de bordo hostilisou efficaamente essas baterias e fôra dirigida com tal pericia que seu commandante mereceu ser considerado emérito artilheiro e elogiado em ordem do dia do commando em chefe das operações. Esse commandante-artilheiro não era outro senão Alves Barbosa.

E' assim que Barbosa se compenetra do dever e este o impelle cada vez mais no caminho da gloria que deposita no altar da Patria.

Já nas rondas nocturnas da vanguarda da esquadra, quando o inimigo no desespero dos

seus arrojos, sobre esta arremessa camalotes, torpedos, brulotes e outros engenhos mortiferos, prenes de astucias e mil perigos; já no reconhecimento e bombardeio das baterias de Curupaity em que o couraçado *Barroso*, cuja guarnição contava entre os seus bravos Alves Barbosa, enfrentando o formidavel baluarte, forçara a passagem no memoravel 15 de Agosto de 1867.

Na verdade, Alves Barbosa e outros companheiros de armas, com dedicação, actividade, coragem e sangue frio mallogram os ardis e a audacia do inimigo e conseguem frustrar sinistros planos que certamente ceifariam preciosas vidas á Patria, e mostram que peitos de aço militam na defesa do pavilhão auri-verde que se ostenta no penol das caranguejas da nossa esquadra.

Por estes serviços relevantes é Barbosa elogiado em ordem do dia do commando em chefe da esquadra.

Ainda a nossa esquadra se achava em ~~g~~as, quando Alves Barbosa recebeu as dragonas do posto de 2º tenente, o qual lhe fôra dado em 21 Janeiro do mesmo anno.

Em seguida á victoria de 15 de Agosto, ao som do hymno que ainda reboava, a nossa esquadra se aparelhava para certo golpe; e surge a aurora de 19 de Fevereiro de 1868.

As baterias de Londres e outras adjacentes, que com a de Humaytá formavam o colosso da defesa inimiga do rio Paraguay, desde a madrugada rompiam nutrido e vivo fogo sobre a divisão avançada da nossa esquadra, que forçava o extincto canal por ellas defendido, debaixo de abobadas de ferro e fogo, vomitados pela bocca de centenaes de canhões. Estas baterias eram tambem hostilisadas por outra divisão da esquadra da qual fazia parte o couraçado *Brazil*, onde se achava o tenente Barbosa, que fora collectivamente elogiado em ordem do dia do commando em chefe da esquadra, por ter tomado parte nesse memoravel combate, conhecido por Passagem de Humaytá.

Ainda em Março do mesmo anno quando, no desespero em que se achava o inimigo, pelos descalabros e constantes derrotas de suas forças, tentara, com o arrojo de suas pertinacias apossar-se dos couraçados *Brazil* e *Lima Barros*, por meio da abordagem, Alves Barbosa, que com seus companheiros da guarnição soubera repellir com denodo e intrepidez tão temerario e formidavel assalto, foi louvado em ordem do dia do commando em chefe da Esquadra.

E' ao troar da artilharia que Barbosa conquista ainda o posto de 1º tenente que lhe fôra conferido em 12 de Abril de 1868.

Ao approximar-se, porém, o termo da gigante lucta, teve Alves Barbosa ensejo ainda para prestar seus serviços de guerra á Patria, pelo qual foi individualmente elogiado em ordem do dia de 6 de Agosto de 1868. Os serviços por elle prestados na lagôa do Chaco, por occasião do cerco á guarnição de Humaytá que alli se refugiára, só quem os presenciou poderá aquilatal-os ; basta dizer que mereceu o elogio individual entre tantos bravos companheiros —e foi condecorado com o officialato da Ordem da Rosa, cabendo-lhe tambem os louros colhidos por nossa esquadra em frente ás baterias de Augustura que foi bombardeada, bem como a co-participação do voto de louvor dado pela Camara dos Deputados em sessão de 11 de Maio de 1870, pelas glorias conquistadas pela Patria no Paraguay.

Tendo terminado a cruenta guerra, que tantas vidas preciosas ceifou á Patria, Alves Barbosa, depois de ter coadjuvado com sua intelligencia e actividade ao commando da 2.^a Divisão Naval, como secretario, seguiu para Europa afim de estudar machinas a vapor.

Regressando da Europa senhor da especialidade a que consagrou sua robusta mentalidade, dirigio como engenheiro e director as officinas de machinas dos arsenaes de marinha da Bahia e

desta Capital, com pequenas interrupções, durante o periodo de quinze annos mais ou menos. Em sua gestão, foram feitas, sob sua exclusiva direcção. diversas machinas a vapor e outros trabalhos importantes inherentes a sua especialidade, sobresahindo os dos motores do cruzador *Almirante Barroso* em os quaes empregou tão sómente os recursos e materiaes da industria nacional.

Muito collaborou em as construcções do *Almirante Barroso*, do *Almirante Tamandaré*, do cruzador *Primeiro de Março*, das canhoneiras *Marajó* e *Iniciadora*, com as quaes foram transformados e substituidos, quasi em sua totalidade, os systemas de construcção de madeira até então adoptados e empregados em os nossos arsenaes de marinha, pelo ferro e aço.

Substituição esta que preludiou em as officinas dos nossos arsenaes os melhoramentos que a arte e a industria têm conquistado em seus prodigiosos progressos e que tendo sido applicada em nossa marinha, revolucionou a arte de construcção naval, da mesma forma que Edison, tem revolucionado as industrias, as artes e as sciencias.

Promovido a capitão-tenente em Dezembro de 1882 e sendo condecorado com a Ordem de Aviz em 1890, continuou sempre na brecha do trabalho e da actividade intellectual.

Creando, porém, o Decreto n. 327 de 12 de Abril, o corpo de Engenheiros Navaes, Alves Barbosa, fôra logo considerado engenheiro de 3^a classe, e em seguida promovido successivamente a capitão de fragata, engenheiro de 2^a classe e a capitão de mar e guerra, Engenheiro de 1^a classe em 1890 e 1891.

Nesta alta patente de official superior foi elle em Maio de 1891, mandado pelo Governo em commissão aos Estados Unidos da America do Norte, afim de estudar melhoramentos industriaes de sua especialidade, comprar machinas,apparelhos diversos e contractar operarios especialistas, apresentando ao Governo, em seu regresso, minucioso relatorio, em o qual indicou quaes os productos da industria americana que deveriam ser preferidos para abastecimento de nossa marinha de guerra.

Antes d'esta importante e especial commissão, tivera elle outras de não menos valor, como a de fiscalisar as machinas, motores e accessorios relativos a sua especialidade de couraçado *Almirante Tamandaré*, cuja construcção é digna de menção.

Pormovido a Contra Almirante graduado em 31 de Maio de 1892 e a Contra-Almirante effectivo, inspector geral, chefe do cargo de Engenheiros Navaes em 21 de Outubro do mesmo anno, fôra desligado do arsenal de Marinha desta Capital,

tendo merecido dos inspectores dos arsenaes de marinha em que servio, bem como do Almirante Ministro da Marinha que o precedeu na pasta, elogios pelos serviços prestados em sua especialidade e direcção de trabalhos que lhe foram commettidos.

Assimiu a direcção do corpo de Engenheiros Navaes em 25 de Fevereiro de 1896, deixando a em 20 de Novembro do mesmo anno, por ter sido nomeado Ministro e Secretario dos Negocios da Marinha, cargo este que desempenhou com as aptidões obtidas por acurados e especiaes estudos e sincera dedicação á classe que se orgulha de ter em seu seio prestimosos cidadãos da estatura intellectual do que nos dá hoje ensejo para pôr em relevo o merito escudado pela modestia.

O Contra-Almirante Alves Barbosa, como official de marinha, propriamente dito, isto é antes de ser engenheiro, embarcára em diversos vasos de nossa esquadra, como sejam corvetas *Amazonas*, couraçados *Barroso*, *Herval*, *Cabral*, canhoneiras *Henrique Martins*, *Philippe Camarão*, *Fernandes Vieira*, *Araguay*, *Beberibe*, *Iguassú*, *Pedro Affonso*, além de outras commissões que teve nos corpos de Marinha.

Ornam-lhe o peito as condecorações que attestam seus serviços profissionaes e os de sangue. São

ellas, os symbolos de gratidão e de recompensa ao trabalho.

E' cavalleiro de S. Bento de Avis, de Christo e do Cruzeiro; é cavalleiro e official da Rosa; official das Ordens Italianas de S. Lazaro e de S. Mauricio.

Tem as medalhas Argentinas, Oriental e a da Campanha do Paraguay, com a inscripção cinco, assim como a do Combate Naval de Riachuelo e a de Merito Militar.

Finalmente, o Contra-Almirante Barbosa, durante dous annos de gestão da pasta da Marinha, por tal fórma accentuou a sua mentalidade, taes dotes administrativos deixou em evidencia, que difficil, senão impossivel, será excedel-o; e a 15 de Novembro de 1898, ao entregar a pasta a seu successor, póde voltar ao exercicio do cargo de chefe da Engenharia Naval, certo de que fez tudo quanto era possivel fazer pela Armada, no periodo critico em que se acham as finanças do Brazil. Se a sua adeantada orientação naval teve mais de uma vez de esbarrar de encontro ás forças colligadas da rotina e da inercia, a sua immensa grandeza d'alma não esinoreceu antes os golpes das phalanges opposicionistas, domou-as pela sua calma, elle foi sempre fiel ao principio primordial que a todos os seus actos presidia—a união e engrandecimento

da Marinha. E esse *desideratum* o conseguiu plenamente, de modo a merecer applausos geraes; foi, é certo, uma victoria incruenta, mas, sob o ponto de vista historico, quem ignora que a gloria de todas as batalhas de Nelson partira directamente de John Jervis, o creador da disciplina naval ingleza, o organisador de suas victorias ?





O Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa

(Do *Jornal do Commercio* de 15 de Novembro de 1898)

A 21 de Novembro de 1896 foi chamado para occupar a pasta da Marinha o Sr. Contra-Almirante, Chefe do Corpo de Engenheiros Nacionaes, Manoel José Alves Barbosa.

Substituir o provector Almirante Elisiario Barbosa na gestão dos negocios da Marinha, em periodo de reorganisação, não era uma facil empreza ; se a missão de Ministro de uma pasta qualquer é pela sua propria natureza bastante ardua, o que dizer de uma pasta technica militar em que o Ministro não tem sómente a vencer as difficuldades inherentes ao cargo, mas ainda a imperiosissima necessidade de

fazer proselytos, de levar ao espirito dos representantes da União a convicção do dever que tem o Brazil de possuir marinha, convicção esta que só é dada poder por si propria formar os entendidos dos negocios do mar e os raros estadistas que têm consagrado sua actividade, sua alta mentalidade ao estudo complexo da Marinha!

Rememorar, pois, ainda que em largos traços, a passagem do Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa pelo Ministerio da Marinha, não é tão somente uma cortezia, mas sim, e particularmente, uma justa homenagem pelo muito que fez, pelo muito que pretendeu fazer em prol da nossa Armada, não sendo um dos seus menores titulos á consideração nacional os esforços, a pertinacia espontanea e habilmente empregada para o congraçamento do pessoal que pouco antes terçára armas em campos antagonicos.

Se não lhe foi dado fazer tudo quanto desejava, se não pôde executar a reorganisação da nossa marinha de guerra, é que a nossa orientação politica, ainda vasada em moldes mui acanhados, não sabe ou não póde comprehender que nos tempos que correm, para os paizes banhados pelo oceano, a posse de uma marinha efficiente, prompta para a defesa das fronteiras maritimas, é uma condição imperiosa e fatal para sua existencia e conservaçoão, para o exercicio regular de sua plena soberania.

O Brazil, no que respeita á sua marinha, desde muito que depôz as armas e descansou imprevidente sobre os louros colhidos pela sua esquadra nas aguas do Paraná e do Paraguay: já o grande estadista, talvez o maior vulto politico que temos visto elevar-se mais alto nos páramos da governação nacional, o illustre Barão de Cotegipe, classificava com razão a nossa força naval de «esquadilha de calhambeques», em pleno Senado. E no emtanto o Brazil carece a todo o transe despertar de tão longa catalepsia, elle tem absoluta necessidade de reorganisar a sua marinha, fazer taboa rasa de muito anachronismo, de muita velharia, de muito archaismo que se tem perpetuado entre nós desde os tempos coloniaes até hoje; urge que os responsaveis pela nossa—Ordem e Progresso — tracem com mão segura a moldura em que devemos enfeixar o nosso poder naval; se assim não procederem, a hegemonia naval, na America do Sul, cada vez mais afastar-se-ha de nós para firmar-se no littoral de outras nações mais previdentes, mais practicas e mais animadas de sentimentos patrioticos, porque, não se deixando embalar por auras de piégas sentimentalismo, estão convictas de que as nações que não querem ouvir as lições da Historia, que cerram os olhos e os ouvidos aos factos que vão se desenvolvendo ante os contemporaneos, são nações condemnadas a cahir, a ser esphaceladas para melhor



servir de pasto aos povos fortes, aos que nunca esquecem que viver é lutar, e que não existe direito sem o seu termo correlato — a força.

Se lançarmos desprevenidamente os olhos pelo desenvolvimento naval das republicas sul-americanas, veremos que o Brazil, com proporções e, mais que isso, gloriosas tradições marítimas, occupa hoje o terceiro lugar entre suas irmãs que possuem navios de guerra; e essa inferioridade não pôde subsistir sem grave detrimento de nossa paz e consequentemente de nossa prosperidade. Não pensamos que o Brazil pretenda esquecer seus hábitos pacíficos, sua politica grandemente conciliadora, para tornar-se uma nação guerreira, não, não é esse o nosso pensamento, muito diversa é a nossa aspiração. Queremos o Brazil previdente, convencido de que sua immensa fronteira marítima carece de defesa, para evitar velleidades de possiveis aggressões, para não suggerir a estranhos, planos ambiciosos, para o nosso respeito proprio. Apesar dos sonhos de paz universal, apesar da celebre «Declaração de Paris», nós vemos que a «paz» é muito mais do que a «guerra» um accidente na vida dos povos, e esse accidente só pôde ser de longa duração quando a força toma todas as precauções possiveis para destruir pelo seu prestigio, as tentativas de abrevial-o. Muito desejaríamos estar enganados, mas infelizmente a inflexibilidade

da lei historica se oppõe a toda e qualquer illusão sobre tal assumpto ; não nos deixemos distanciar tanto pelos nossos visinhos, sejamos zelosos pelos louros do passado, porquanto, a continuarmos na mesma rotina, quiçá não esteja longe o dia em que pela ignorancia da nossa classe directora tenhamos de vêr a fraqueza de nossa força naval animar empresas audaciosas contra nossa patria.

Tudo se improvisa, menos marinha, porquanto, hoje, quer material, quer pessoal, exigem longo tempo para serem capazmente constituídos. Um anno, pelo menos, requer o fabrico de um simples cruzador, de um *destroyer*; muitos e muitos dias de exercicio para fazer um bom chefe de peça, um pessoal machinista apto na manobra das machinas modernas.

Em taes condições, como as que infelizmente nos achamos, se não aproveitarmos o estado de paz em que vivemos, se não cuidarmos de organizar as fontes da marinha, de formar nucleos de facil desenvolvimento, no momento supremo o *Væ victis* do vencedor pesará, com toda a vehemencia da mais esmagadora realidade, sobre os optimistas que esperarem a eminencia do temporal para chamar «a gente ás obras».

De tão imperiosas considerações cogitou o honrado ex-Ministro da Marinha, desde que sobraçou a

pasta ; tal foi a sua orientação administrativa, como para adiante veremos, por suas proprias palavras e actos, e se não deixou traduzidos por factos todos os planos que architectou, não sobre elle, mas sim sobre outros recahirá a culpa. Em todo o caso, o arcabouço de nossa reorganisação naval ficou erguido ; já é muito, é um gigantesco passo dado para que novos administradores possam com mais facilidade cumprir o dever que pesa sobre o official que gerir a pasta da Marinha — levantar a Armada, dotal-a de novos moldes em seus diversos ramos, collocal-a na altura de poder desempenhar a sua missão.

Que a divisa dos nossos Generaes Ministros seja, como foi a do honrado Contra-Almirante Barbosa — *Pro patria laboremus* —, e, estamos certos, a joven Marinha Republicana compenetrar-se-ha de que só poderá apresentar-se com ufania, todo aquelle que veste uma farda de Marinha, quando espontanea, nobre e patrioticamente consagrar todos os seus esforços, todo o expoente de sua mentalidade em proveito do real engrandecimento da Armada, representada pela defesa movel, pelas nossas esquadras bem chefiadas, bem commandadas, bem servidas por toda a officialidade e guarnição, de modo a representar a nossa força naval como uma garantia de nossa integridade, de nossa preponderancia na balança politica Sul-Americana.

Como o seu honrado predecessor e homonymo, o Contra-Almirante Barbosa não militava na politica; sua actividade, sua alta mentalidade consagrara desde verdes annos ao estudo de sua profissão. Aspirante, fizera o curso da Academia de Marinha com distincção; Guarda-Marinha, seguiu das luctas do mar para a campanha do Paraguay, onde varias condecorações e promoções attestam os valiosos serviços que nella prestou; concluida a guerra, obteve por concurso ser mandado para a Europa afim de estudar a especialidade — machinas a vapor maritimas — em que foi recebido engenheiro naval, fazendo desde então parte da nossa engenharia naval, e na qual não é tão sómente o chefe do corpo, mas, ainda mais, a ornamentação delle e o espelho de seus jovens camaradas. Tendo sido a orientação do Governo republicano o confiar as pastas da Marinha e da Guerra exclusivamente a Generaes, foi por essa razão convidado o contra Almirante Barbosa para substituir o seu antecessor, que retirava-se com o Presidente Dr. Prudente Moraes.

Depois da temporaria ausencia do Chefe da Nação de sua cadeira presidencial, o partido republicano federal, por motivos que não vem ao caso, seccionou-se, e o Ministro da Marinha, que fôra chamado pelo Dr. Victorino Pereira ao cargo de

Secretario de Estado, não trepidou em separar-se do Vice-Presidente que se collocára á frente dos schismaticos, para seguir o honrado Presidente, o Dr. Prudente de Moraes, que ficára do bom lado, pois, nelle o respeito ás leis, á observancia fiel da Constituição constituíam os dogmas a que obedeciam os seus adeptos.

E tal foi o correcto procedimento do Contra-Almirante Barbosa, quando reassumio a Presidencia o Dr. Prudente, que este conspicuo e venerando primeiro magistrado da Republica o conservou a seu lado, dispensando-lhe sempre as mais inequivocas provas de confiança.

Como já dissemos no principio deste artigo, o honrado ex-Ministro no exercicio de suas funcções não distinguio os gregos dos troyanos, todos os seus camaradas, fossem quaes fossem as suas idéas em relação á politica militante, encontravam no seu chefe hierarchico a mais imparcial administração da justiça, a mais desapaixonada apreciação dos meritos de cada um.

*
* *

Durante os dous annos que exerceu o honroso cargo de Minisrro da Marinha, a sua preocupação constante foi dotar a Armada de todos os melho-

ramentos de que carece, tanto no que respeita ao material, como ao pessoal ; occupando-se de todos os serviços que correm pela Secretaria da Marinha, formulou regulamentos, reformou e creou novas modalidades para melhor satisfazer-os.

No seu primeiro relatório, apresentado ao Presidente da Republica em Abril de 1897, traçou com maestria «o plano da reforma da administração naval», no qual a tudo procurou attender, curando por sua vez da marinha mercante, essa fonte de riqueza entre nós, durante longos annos, ferida de morte pela liberdade da navegação de cabotagem.

Diz o illustre Contra-Almirante :

«A administração naval no Brazil, paiz ainda novo, apenas em começo, de exploração das suas riquezas maritimas, precisa de ser convenientemente estabelecida e regularisada ; mas o Ministerio da Marinha não deve cuidar exclusivamente de interesses militares, embora estes constituam um dos seus mais importantes objectivos.

Além da sua missão propriamente militar, a administração naval ou Ministerio da Marinha deverá abranger tudo quanto possa immediatamente referir-se :

a) á acção dominial da Republica ;

b) á ordem e segurança publica dentro dos limites maritimos ;

c) á fiscalisação do trafego e do commercio maritimo ;

d) á conservação e melhoramento dos portos e suas dependencias, sua policia e segurança, seu regimen sanitario e o mais que fôr relativo ao commercio maritimo ;

e) á repressão dos delictos disciplinares commettidos nos portos ou aguas territoriaes e ás providencias relativas aos que forem sujeitos á jurisdicção de outros tribunaes ;

f) á inscripção e sorteio para o serviço da Armada ; a intervenção nos contractos das equipagens mercantes, seus direitos e relações com os proprietarios e armadores ;

g) á administração do Monte de Socorro ou Caixa de Invalidos da Marinha ;

h) á pesca interna e externa, sua regulamentação, fiscalisação, policia, etc.»

Como comprehende as funcções do Ministerio da Marinha nos diz, no citado relatorio :

«As funcções do Ministerio da Marinha, como orgão auxiliar do Governo da Nação e representante do Estado, no mar, resumem-se :

a) na organisação; preparo e distribuição de um certo pessoal ;

b) na guarda e applicação dos bens nacionaes que lhe são confiados para determinados fins ;

c) na direcção, administração e fiscalisação dos serviços do Estado, que directamente se relacionarem com a profissão maritima.

O Ministro da Marinha, como primeira autoridade naval e orgão da confiança do Chefe do Estado, é o agente directo de todos os interesses administrativos, militares, technicos e economicos da Marinha.

São repartições principaes do Ministerio da Marinha :

a) Secretaria de Estado ou Repartição Central da Marinha :

b) Prefeituras Maritimas ;

c) Contadoria Geral ;

d) Conselho Naval ou Superior da Marinha.»

Principiando pelo Gabinete do Ministro, continua :

«No regimen politico que adoptamos, a responsabilidade da publica administração, cabendo directamente ao Presidente da Republica, exige que a acção do Governo se exerça tão directa e immediatamente quanto possivel sobre a direcção de todos os serviços, afim de que, pela complexidade do mecanismo administrativo, não se torne, por vezes, a sancção do Poder um acto reflexo, senão mesmo o

instrumento de influencias estranhas e nem sempre confessaveis.

A Secretaria de Estado ou Repartição Central é a séde do Governo da Marinha e centro distribuidor de toda a sua actividade ; poderá ser organizada reunindo-se o Gabinete do Ministro á actual Secretaria de Estado, cujas funcções devem ser convenientemente simplificadas, addicionando-se-lhe as secções que se tornarem indispensaveis.»

Com a orientação consciente do que se passa nas marinhas européas e americana do norte, considera o Chefe do Estado-Maior General da Armada como um sub-Secretario de Estado e em termos precisos define as attribuições do cargo, tornando-o não só o primeiro auxiliar do Ministro, como tambem o Chefe Supremo de todas as secções da Secretaria ou Repartição Central.

Apresenta uma nova organização para o Conselho Naval, instituição que data entre nós de 1856 e que carece de uma completa revisão, tornando-o assim não simplesmente uma instituição consultiva, mas tambem um Conselho Superior da Marinha, com as attribuições que tem actualmente o Supremo Tribunal Militar, quanto a assumptos administrativos da Marinha ; limitando a acção deste ultimo tribunal ao que lhe deve rigorosamente corresponder como tribunal judiciario.

Trata ainda de um systema mais regular de abastecimento a Marinha, fazendo contractar nos mercados productores os artigos de primeira necessidade que não poderem ser produzidos no paiz ; estabelecendo tambem estações de combustivel e outros artigos para o supprimento da força naval em diversos pontos do littoral de difficil accesso e fácil defesa.

Com a mesma proficiencia trata no mesmo « Plano de reforma da administração naval », do ensino profissionnal do pessoal da marinha, da necessidade da instrucção profissionnal por especialidades e varios outros assumptos de não somenos importancia, taes como a nacionalisação da pesca, a inscripção maritima e a defesa das costas.

Como bem diz o nobre Ministro :

« A's medidas tendentes á reorganisação material de nossa marinha devem certamente preceder as que entendem directamente com a aquisição e preparo technico e profissionnal das guarnições, porquanto, conforme, em criteriosas ponderações de um dos seus relatorios diz o Contra-Almirante Julio Cesar de Noronha: *o pessoal constitue um elemento preciosissimo, pois sabemos que não ha instrumento bom em mãos inhabeis.* »

Como ningem ignora, a França ergueu-se potencia maritima quando, sob a inspiração desse

genio creador que se chamou Colbert, creou a— inscripção marítima— como base fundamental do recrutamento para o pessoal de embarque: essa sabia instituição que até hoje perdura na marinha franceza, mais ou menos cópiada em algumas de suas linhas capitaes por variâs outras nações, é a medida unica e capaz de fornecer pessoal ás marinhas de paizes novos, em que a zona do litoral não é a unica explorada, nem mesmo aquella que offerece maiores seducções á actividade da massa popular.

Enfrentando com vistas largas o problema capital e complexo da força naval, seus melhoramentos e sua composição, colloca-se o Contra-Almirante Barbosa no ponto de vista exacto da comprehensão do nosso papel no mundo marítimo. E' assim que, com razão, elle diz:

« Parece que o modo mais razoavel de encarar-se a organização das forças navaes de um paiz consiste em attender-se, antes de tudo, ás exigencias da propria defesa, regulando os meios de ataque da sua marinha, segundo a organização do adversario mais provavel.

« A missão principal das armadas navaes é a de combater no mar, e por isso, as forças activas da nossa marinha devem constituir o factor mais importante de sua organização. »

«As forças activas da marinha, constituindo uma ou mais esquadras confiadas ás mais elevadas patentes da Armada, devem ser mantidas em constante actividade, fóra dos centros administrativos, executando as ordens do Governo central, quanto aos seus movimentos, e directamente responsavel o seu commando em chefe pela execução das leis, regulamentos, economia, disciplina, fiscalisação das despezas, etc.»

Com a proficiencia que lhe permite a sua situação especial de official de marinha e de engenheiro naval, accrescida pela pratica adquirida durante longos annos de permanencia em praças maritimas e arsenaes das grandes potencias europeás, onde seu genio estudioso e investigador não lhe consentia ser indifferente ao desenvolvimento do material naval, elle deixa traçada a composição mais racional do que deve ser a nossa força naval :

Eil-a :

« 1 Encouraçado de esquadra (a construir).
Custo aproximado £ 400.000.

2 Cruzadores encouraçados—*Riachuelo e Vinte e Quatro de Maio* (reconstruidos)

6 Cruzadores protegidos, sendo — *Almirante Tamandaré, Almirante Barroso, Almirante Abreu e o Amazonas* (em construcção) e mais dous (a construir) do typo *Bueno Aires*. Custo approximado £ 380.000.

2 Monitores guarda costas — *Marechal Deodoro*
Marechal Floriano (em construção.)

6 Caça-torpedeiros de oceano, typo *Tymbira*,
sendo tres a construir, com a velocidade elevada a
25 nós. Custo approximado £ 280.000.

2 Monitores de rio — o *Pernambuco* e o *Mara-
nhão* (em construção no Arsenal do Rio.)

6 Canhoneiras-torpedeiras de 700 a 850. tone-
ladas, typo *Gustavo Sampaio* (5 a construir), augmen-
tada a velocidade até 23 nós. Custo approximado
£ 500.000.

Estes 25 navios, que poderião ser obtidos den-
tro de dous a tres annos, mediante um accrescimo de
despeza de cerca de £ 1.500.000, constituiriam a
nosso primeira esquadra ou força activa de combate,
augmentando-se os elementos da defesa movel para
os rios e portos mediante um pequeno augmento de
despeza. Todos os demais navios que actualmente se
acham em serviço activo e os que fossemos adquirindo
ou construindo para fins especiaes, comporiam as
forças da esquadra auxiliar, convenientemente dis-
tribuidas pelos diversos serviços das quatro perfeitu-
ras maritimas da Republica.

As forças da reserva compor-se-hião de todos
os navios que, por qualquer motivo, não se achassem
em completo armamento ; do material do serviço

dos arsenaes, soccorro maritimo, policia dos portos; da navegação mercante subvencionada, etc.

As despesas com o organização material da Armada devem ser resolutamente consideradas pelo Governo da Nação, ao qual cumpre encarar, sem jactancias, nem pessimismos, a Marinha de Guerra Nacional sob o ponto de vista da acção que lhe cabe na defesa da Republica, e como instrumento do seu progresso e engrandecimento naval.

Sem duvida as difficuldades financeiras do paiz impõem-se como questão que deve primar sobre todas as outras, e para a qual deve um Governo patriotico convergir toda a sua solitudine; não devemos, porém, esquecer que a Marinha de Guerra é uma necessidade indeclinavel para o Brazil, e que nenhuma força naval poderá manter o seu prestigio militar senão á custa de constantes e dispendiosas renovações.»

Porém, onde o ex-Ministro revela-se verdadeiramente de estatura a reorganizar a nossa marinha, é no magistral trabalho que sob o titulo «Projecto do Regulamento das Prefeituras Maritimas» acaba de apresentar em additamento ao Relatorio deste anno, de accôrdo com autorisação que lhe foi conferida pelas leis n. 478 de 9 de Dezembro de 1897 e n. 490 de 16 do mesmo mez e anno, que autorisáram o Governo a expedir regulamento para execução do

previsto no art. 88, § 4º, *in fine*, da Constituição, que impõe á marinha mercante a obrigação de contribuir para o pessoal da Armada, mediante sorteio ; regular a pesca nacionalisando-a, e a dividir o territorio maritimo da Republica em circumscripções ou prefeituras, organisando o serviço das mesmas dentro dos recursos do orçamento, e, revendo os regulamento em vigor, adaptal-os ao novo regimen das prefeituras.

Neste regulamento a reorganisação da Armada torna-se completa, ficam attendidas todas as suas palpitantes necessidades, não só adaptando ás exigencias dos tempos actuaes os diversos ramos do serviço, como tambem preparando as bases de nossa efficaз defeza maritima.

A divisão do território maritimo da Republica em quatro circumscripções — prefeituras —, é uma medida de grande sabedoria e immediato corollario da fórmula de governo do paiz. Ella vem permittir a melhor defeza da nossa longa fronteira oceanica, collocando os trechos até hoje abandonados sob a direcção de autoridades que, pelo seu alto prestigio hierarchico e maior competencia profissional, muito melhor do que quasquer outras do actual regimen podem com vantagem cooperar, não só para prestigiar o serviço da Armada, como para attender ás necessidades da navegação e da defeza nacional, e

ainda mais auxiliar a alta administração do paiz na correcta expansão da politica nacional.

Toda e qualquer medida tendente á nossa reorganização naval deve, sem contestação, ser precedida das que entendem directamente com a aquisição e com o preparo tecnico e professional das guarnições. Com o desenvolvimento material que fatalmente se impõe como indispensavel á nossa marinha militar, e sobretudo em caso de guerra, onde iremos buscar as reservas, senão mesmo o effectivo das equipagens dos nossos navios ?

Não estamos mais no periodo da marinha a véla, em que o recrutamento forçado era em rigor sufficiente para formar as guarnições dos navios de guerra e ainda assim, exigindo para sua possibilidade pratica que esses navios tivessem para commandantes marinheiros como Tourville, como Suffren, como Horacio Nelson, como Collingwood, Almirantes como Hood, como Jervis.

O navio de guerra actual não é mais como o navio de véla, a ampliação das galeças, as quaes não necessitavam de mais amplos conhecimentos do que possuia Enéas o Tactico, no IV seculo depois de Christo ; o navio de guerra moderno é por assim dizer o producto synthetico da sciencia em todos os ramos do saber humano ; para bem commandal-o não basta a instrucção que antigamente a

própria pratica do mar sem outro auxilio fornecia, é necessario que o official de marinha seja ao mesmo tempo um theorico e um pratico, um homem que possúa em grande escala a sciencia da arte em que elle deve ser primoroso artista; para bem manobral-o não basta que o simples marinheiro saiba distinguir a sua mão direita de sua mão esquerda, é indispensavel que elle não só se habitue á vida do mar, como tambem haja recebido um certo preparo technico sobre artilharia, electricidade, torpedos e machinas. E será com o pessoal fornecido por um recrutamento forçado, por uma *press gang* que se poderá obter guarnições validas?

A inscrição maritima obrigatoria, dados os elementos technicos de nossa raça, attentas as condições da vida nacional, impõe-se como a base unica proveitosa para a organização do pessoal da marinha de guerra; ella é, repetimos, uma instituição urgentemente necessaria, e que não póde sob futeis pretextos ser adiada, salvo se quizer o Brazil resignar-se a ter um póder naval de muito inferior á sua missão politica e social nas regiões sul-americanas.

Já á saciedade se tem verificado que o que se denomina com emphase — o viveiro de nossa marinha de guerra, « as escolas de aprendizes marinhos » não corresponderam, nem correspondem

aos intuitos do legislador: ellas podem permanecer e ser desenvolvidas sob mais liberaes principios, como auxiliares da inscripção maritima, mas nunca como fonte exclusiva do abastecimento de pessoal para nossa força naval. E isto hoje, que a nossa força naval está tão reduzida!

Embora possamos adquirir, com melhores arrecadações e distribuições da renda publica, as formidaveis unidades de combate da tactica naval moderna, não podemos de modo algum obscurecer que o marinheiro não se improvisa, que só um longo preparo poderá transformar o cidadão mais patriota em « soldado do mar », que o valor, a disciplina e a pericia naval serão sempre os elementos indispensaveis ao poder mechanico dos navios de combate da época actual.

Em marinha, a lei ascensional do progresso não obdece ao principio evolucionista normal do desenvolvimento sériado dos conhecimentos humanos, ella é essencialmente revolucionaria, procede por gigantescos saltos, crêa de dia para dia productos inteiramente novos; a esquadra de Farragut é uma marinha de hontem, no emtanto o *iron heart* do intemerato Salamandra da Hartford já cedeu o passo ao « tiro rapido de 15 centimetros »; e quem nos dirá qual a surpresa que a engenharia naval e militar nos prepara para o futuro?!

Quando absolutamente nada se queira fazer pela Marinha, quando se responda ás aspirações da Armada com o *non possumus*, chapa que sempre tem sido o estribilho dos nossos homens politicos, estamos certos de que dentro dos mais estreitos limites do mais rigido orçamento muito se poderá fazer pela Marinha, uma vez que se encetem os trabalhos pelo ponto capital e que deve ser a introdução de toda a obra nesse sentido, o qual para nós é exactamente a formação dos quadros — a inscripção maritima em acção produzindo seus efeitos.

E o Ministro da Marinha que consiga vencer as resistencias do emperramento rotineiro, que consiga tornar uma lei organica da Armada o Regulamento das Prefeituras Maritimas, pelo menos como ensaio, para soffrer mesmo immediatas correcções nos seus detalhes, terá feito obra de merito, terá feito jús a figurar ao lado dos que mais têm feito pela Armada, dos que mais têm amado a sua Patria.

Permitta-nos o nobre ex-Ministro, que sob um ponto de suas idéas, divirjamos, — no que respeita a Arsenaes; quizeramos que a sua propria idéa, aventada no primeiro relatório apresentado ao Presidente da Republica, prevalecesse em todo o trabalho das «Prefeituras», a criação de um porto militar unico, a de depositos e officinas de concertos para pequenos reparos em pontos estrategicos, em vez dessas

actuaes *pieuvres* do orçamento, que se chamam Arsenaes de Marinha da Bahia, de Pernambuco, do Pará e estabelecimento naval de Itaqui, os quaes só subsistem, e pensamos subsistirão ainda por longas decadas, enquanto a representação nacional não perder o habito de considerar um dever de patriotismo estadual a conservação desses sorvedouros dos dinheiros publicos.

Como complemento ás «Prefeituras», sabemos, dever-se-hia seguir a promulgação do decreto distribuindo a força naval activa, destinada á policia e defesa movei do territorio maritimo da Republica, segundo o qual duas divisões de evoluções, ao mando cada uma de um Vice-Almirante ou Contra-Almirante, tendo uma por centro de operações o Pará e por sector maritimo as aguas territoriaes da Republica, desde a fronteira norte até o porto do Rio de Janeiro, comprehendendo as ilhas de Fernando Noronha e da Trindade; e outra tendo por centro Santa Catharina e por sector maritimo as aguas territoriaes da Republica desde o porto do Rio de Janeiro até o Rio da Prata. Além destas duas divisões navaes, duas divisões fluviaes seriam creadas, sendo uma para a defesa movei do territorio da Republica no rio Amazonas e seus affluentes, e outra para a defeza movei do territorio da Republica no rio Paraná e seus affluentes.

Além disso a instrucção pratica do pessoal teria navios proprios para esse fim, os quaes, bem como os transportes e as demais embarcações auxiliares do serviço naval activo, ficariam sob as immediatas ordens do Chefe do Estado-Maior General da Armada, tendo por centro o Rio de Janeiro.

Infelizmente ainda não é lei o Regulamento das Prefeituras e emquanto não seja, nos quer parecer, nada poderemos conseguir de duravel e firme para a reorganização da Marinha Brasileira; porém, ao operoso Ministro succede experimentado marinheiro, do qual o Paiz e a Armada têm o direito de esperar muito, o que já é uma esperança.

*
* *

Resumindo, além do que pretendeu realizar e que por motivos alheios á sua vontade não realizou, o Contra-Almirante Alves Barbosa deixa, como testemunho de seus muitos esforços, concluidos os importantes melhoramentos e obras seguintes:

Organisação do Archivo da Contadoria de Marinha ;

Quartel do Corpo de Infantaria da Marinha, na ilha das Cobras ;

Reconstrucção do quartel do Corpo de Marinheiros Nacionaes em Villegaignon ;

Construcção de paiões para guarda das nossas reservas de munições bellicas, em substituição aos destruidos no periodo da revolução de Setembro;

Reparos na Escola Naval, á qual tambem dotou de novo regulamento;

Construcção da nova escola de aprendizes marheiros do Rio de Janeiro, dotando-a dos melhoramentos adequados a seu fim;

Inauguração em salões apropriados, nelles reunindo varios objectos de valor historico esparsos em differentes locaes, do Musêo Naval;

Construcção do quartel da Escola de Aprendizes e Capitania do Porto das Alagôas;

Reformou e attendeu ás differentes necessidades dos diversos estabelecimentos navaes ao Sul da Republica, que tanto haviam sido victimados pelas ultimas lutas;

Impulsionou a illuminação da nossa costa attendendo a diversas obras em varios pharóes e fez montar os pharóes de Mossoró, Macáo e Ponta do Mel no Estado do Rio Grande do Norte; concluiu as obras dos pharóes do Rio Doce e dos Abrolhos, bem como as do Cotijuba e das Salinas, no Pará; do Aracaty no Ceará; e deu começo á construcção do pharol da ilha de S. Sebastião.

Terminou as obras de reconstrucção do Hospital de Marinha, bem como a da Carta Maritima e

do Commissariado Geral da Armada, tudo na ilha das Cobras ;

Deu novo quartel ao pessoal das torpedeiras, cujas obras estão em via de conclusão, reparou as respectivas carreiras e reconstruiu as officinas do serviço-torpedico ;

Na Armação, theatro principal das lutas de 1893, foi necessario tudo reparar, tudo reconstruir sendo que pouco fica a concluir-se.

Em Matto-Grosso e outros Estados fez-se sentir sua acção, reconstruindo e reparando varias dependencias do Ministerio.

E não se limitou a isso a actividade do Contra-Almirante Barbosa, elle não esqueceu o material fluctuante, ao qual attendeu, deixando reparados o *Aquidaban* e *Riachuelo*, *Parnahyba*, *Vidal de Negreiros*, *Centauro*, as torpedeiras *Silvado*, *Pedro Affonso* e *Pedro Ivo* ; promptos de suas obras o *Almirante Tamandaré* e *Commandante Freitas* ; em adiantado estado de reparação — *Iniciadora*, *Lamego*, *Carlos Gomes* e as torpedeiras *Araguary* e *Iguatemy* ; fez incorporar á esquadra as construcções novas : cruzador *Almirante Barroso*, caça-torpedeiras *Tymbira* e *Tupy*.

Das construcções que se estão fazendo na Europa fez promover o adiantamento ; já tendo sido

lançados ao mar os couraçados *Marechal Deodoro* e o caça-torpedeiro *Tamoyo*; no nosso Arsenal de Marinha os monitores de rio, *Maranhão e Pernambuco*, ficam em via de lançamento.

Em tão limitado espaço de tempo não era possível exigir-se mais; obras de folego realizadas com escassez de verbas aqui no Rio de Janeiro e nos Estados; organização dos corpos de marinha deixando os seus effectivos quasi completos; regulamentos de varios estabelecimentos como Escola Naval, praticagem de todas as barras dos portos, etc.; projecto da Escola de Engenheiros Navaes, necessidade inadiavel para a formação de pessoal preparado para satisfazer as exigencias da technica naval moderna; o Regulamento das Prefeituras que em suas paginas encerra toda uma éra nova para o Brazil e ao qual o tempo virá fazer justiça; e, como encaixe da abobada do edificio naval — a situação em que deixa a marinha de defensora extreme das instituições republicanas.

Deixando a pasta da Marinha, vai o illustre Contra-Almirante reassumir a chefia do Corpo de Engenheiros Navaes, onde estamos certos continuará a cooperar para o adiantamento da nossa marinha, dando aos noveis Engenheiros navaes exemplos de seu amor ao trabalho, e proporcionando-lhes occasiões de darem provas publicas de sua

applicação e aproveitamento, de serem uteis á Armada.

E quando o tempo tenha feito Justiça dos interesses individuaes estremeçados, quando a calma e a reflexão imperarem no animo de todas os classes da Armada, talvez, em futuro não remoto, se possa ouvir por toda a parte em que se encontre um estabelecimento naval, ou um navio de guerra brasileiro, o éco da homenagem que aqui deixamos consignada ao ex-Ministro da Marinha :

Ao Contra-Almirante Manoel Alves José Barbosa —a Marinha agradecida.





Bibliotheca e Musêo de Marinha

(Do *Jornal do Commercio* de 15 de Novembro de 1898)

Realizou-se hontem, ás 11 horas da manhã, como noticiamos, a inauguração do retrato do Sr. Dr. Prudente de Moraes, presidente da republica, e tambem o do Sr. Contra-Almirante Alves Barbosa, Ministro da Marinha, na presença de S. Ex. e de muitos officiaes de marinha.

Quando o Sr. Ministro da Marinha tirou a bandeira que cobria os dous retratos, a banda de musica do Corpo de Infantaria de Marinha tocou o hymno nacional.

O Sr. Capitão-Tenente Paulo Couto, Director da Bibliotheca de Marinha, pronunciou o seguinte discurso :

«Sr. Ministro—No modesto Musêo Naval onde se acham encerradas todas as nossas recordações gloriosas, acham-se tambem os retratos dos vultos brasileiros que, em todas as épocas, têm servido á Patria na direcção da Marinha ou na alta administração do Estado.

A inauguração hoje, ao lado de tantos homens illustres, do retrato do benemerito Dr. Prudente de Moraes, que amanhã deixará de ser o Presidente da Republica, ou o seu primeiro magistrado, é a prova da maior gratidão que V. Ex., em nome da Armada, póde dar ao venerando Chefe da Nação, pelos relevantes serviços que quasi, com sacrificio da propria vida, prestou ao Brazil e do muito que fez pelo levantamento da nossa corporação. Sentimento este que toda a Marinha experimenta e que V, Ex. tão bem procurou traduzir.

Não é possivel, porém, deixarmos de collocar junto ao do venerando Chefe da Nação o retrato daquelle que foi o seu inspirador, o seu executor na gestão da pasta da Marinha, aquelle a quem a Marinha, quando mais nada deva, deverá sempre o principio de sua confraternisação como base de sua reorganisação.

Entre tantas e tão eloquentes provas do vosso trabalho, do vosso esforço e do vosso amor á Armada nos diversos serviços que a ella prestastes, aqui está este Musêo.

Coube a V. Ex. a gloria de inaugurar, no inolvidavel dia 11 de Junho do corrente anno, o repositorio dos nossos heróes, dos nossos feitos, das nossas glorias; a tradiçãõ viva, o archivo do que fomos, do que somos e do que pretendemos ser; ao vosso impulso, á vossa boa vontade se deve este grande passo que attesta a vitalidade da Marinha de Guerra.

E se a gratidãõ da Armada ao Venerando Chefe da Nação foi traduzida por V. Ex. na collocaçãõ deste retrato, ao lado dos daquelles outros que relevantes serviços têm prestado á Armada e ao Brazil, permitta-nos V. Ex. que nós tambem procuremos traduzir essa mesma gratidãõ por parte de nossos camaradas, collocando o vosso retrato junto ao do venerando Chefe da Nação e ao lado de tantos outros que como vós, pela Patria e pela Armada se têm sacrificado.

Alli elle é o attestado do quanto fizestes pela Marinha de Guerra Brasileira na vossa curta Administraçãõ.»

O Sr. Contra-Almirante Alves Barbosa surpreendido com a alta prova de consideraçãõ que acabavam

de dar-lhe collocando o seu retrato ao lado do do Sr. Dr. Prudente de Moraes, disse, commovido, ter procurado sempre durante a sua administração, prestar os melhores serviços que pôde á corporação a que tem a honra de pertencer e affirmando que fosse qual fosse a posição que viesse a occupar na Marinha, empregaria sempre o seu esforço para eleva-la á altura de que é digna.

O Sr. Capitão-Tenente Vidal de Oliveira, em nome da *Revista Maritima*, da qual é Redactor, saudou ao Sr. Ministro, lembrando os seus serviços prestados á Marinha.

De novo fallou o Sr. Contra-Almirante Alves Barbosa agradecendo.

Em seguida foram convidados o Sr. Ministro e mais pessoas que alli se achavam a subirem ao salão dos Almirantes, onde foi servido um delicado *lunch* e ao champagne o Sr. Capitão-Tenente Vidal de Oliveira leu o seguinte discurso:

«Sr. Ministro— O menos competente dos colaboradores da *Revista Maritima Brazileira*, como membro de sua redacção, faltaria a um dever de grata cortezia, se nesta festa íntima não vos pedisse licença para dizer-vos algumas palavras, toscas sim, mas verdadeiras, como soem ser aquellas que mais partem do coração que da cabeça.

Nosso passado é uma garantia da nossa ignorancia nos dominios da lisonja; nada desejo, nada pretendo que de vós ou de outrem possa esperar, a não ser o collaborar com os que mais amem a Marinha, para que ella seja sempre uma classe digna de estima pela sua instrucção e lealdade. Reformado de *motu proprio*, se bem que por motivos alheios á minha vontade, não perdi o amor á vida que só o mar sabe inspirar ás imaginações sonhadoras; a pouca erudição que possuo, os conhecimentos que no tirocinio naval adquiri, bem como o esforço ainda possivel de meu braço, pertencem á Patria e nella á Corporação em que me fiz homem, ao meio em que aprendi a supportar com animo tranquillo os revezes da sorte, como o marinheiro supporta as refregas da tempestade. Em taes disposições, acompanhando a vossa administração, é com a maior isenção de animo que direi o que penso e como penso, sem mais filigranas nem restricções outras que não as impostas pela minha consciencia e educação militar.

O motivo que aqui nos reúne, é, Sr. Ministro, tão singelo e natural que nos dispensa provocar pela palavra a suggestão do enthusiasmo.

Acabais de inaugurar neste estabelecimento o retrato do Dr. Prudente de Moraes, do Chefe da Nação que amanhã deixará a Curul Presidencial;

a Corporação da Armada por sua vez collocou, pela mão do Sr. Director da Bibliotheca e Musêo da Marinha, o vosso retrato ao lado daquelle que em vós teve o fiel timoneiro, o habil piloto que soube evoluir entre os mais perigosos escolhos guiando a náo a bom ponto. E' uma modesta prova de gratidão, mas é tambem um attestado fallante de que vossa passagem na gestão da Marinha deixa indeleveis sulcos.

Sr. Ministro! O famoso cabo de guerra e conquistador francez que assombrou o mundo pelo estrepito de suas armas, laureando-se com os mais assignalados triumphos em numerosas batalhas, teria apenas, como tantos outros, as glorias de um habil General, se por alguns mais bellos titulos não houvesse feito jús á immortallidade. E' que os raios rutilantes de que são formadas as aureolas dos heróes, sujeitos á analyse do Direito, deixam patente a côr rubra do sangue derramado, e se este o foi de encontro ás leis da Justiça e da Humanidade, o nome victoriado, hoje, pela geração apaixonada pelo desvairamento da victoria, é anathematisado amanhã pela voz incorruptivel da Historia.

Napoleão sobreviveu á sua quéda, vio todos os seus triumphos estereis, porém, sua immortalidade foi acclamada pelos seus mais crueis ini-

migos, porque elle havia legado, á França e ao mundo, uma obra que attesta a pujança de uma genial cerebração—o Codigo Napoleão,—legislação essa que até hoje tem servido de norma aos povos modernos para sobre elles calcarem as leis da sua sociabilidade.

Colbert, o restaurador da obra iniciada pelo grande Cardeal Richelieu, Colbert, o creador da marinha dos Tourville, dos Guichen, dos Suffren, não teria passado á posteridade se não fôra o seu Regulamento Naval, cujas disposições capitães têm salvado a Marinha Franceza nos seus mais criticos momentos, e que ainda hoje subsistem como prova incontestada da sua sabedoria

Fallar em Colbert é enunciar a mais mimosa pagina de sua obra — a Inscricção Maritima, essa base fundamental do poder maritimo da França ; essa medida salutar que muito a proposito deixaes traçada na vossa Administração como o unico meio, que realmente o é, da boa composição de nosso quadro marinheiro e de seu indispensavel appendice—as nossas reservas navaes.

Se outros titulos não tivesseis ao preito que acabais de receber, só esse seria bastante para justifical-o. Porém, muito felizmente nós poderemos mostrar aos nossos visitantes, com orgulho, o Ministro que fez ainda mais, que soube em um

dos mais criticos momentos da vida nacional erguer a Marinha do abatimento em que fôra lançada, soube congraçar os membros da Família Naval, ligal-os pelos laços da mais estreita solidariiedade em pról da Republica e das legitimas aspirações da Nação.

E se taes serviços não são sufficientes para demonstrar o que temos dito, com a franqueza rude de quem só mede os homens pelo seu expoente mental, diremos que o merito de um administrador dos negocios publicos avalia-se pelo numero maior ou menor de seus coevos detractores.

Porém, Sr. Ministro, a Marinha e a Nação já vos fizeram justiça ; e agora mesmo, neste momento, só a presença do Sr. Contra-Almirante Guilhobel ao vosso lado é uma consagração, pois, estamos certos, nós e todos aquelles que o conhecem desde muito, não o veriamos nem aqui, nem no cargo de Chefe do Estado Maior General, se a róta por vós seguida não fosse a melhor ; elle não seria então o vosso matalote.

A *Revista Maritima Brazileira*, essa publicação modesta sim, porém importantissima para nossa Armada, se reflectirmos ser ella o traço de união que nos liga ás marinhas estrangeiras pela permuta reciproca dos órgãos similares da sua representação intellectual, teve a subida distincção de ser o receptaculo primeiro de vossas locubrações relativas á

reorganisação da Armada. Se bem que bastante comprimida ainda pela rigidez das faixas em que a envolve seu mesquinho algarismo orçamentario, ella quer viver, ella quer marchar desassombrada em busca de seu ideal—o de offerecer á Marinha um repertorio de bons ensinamentos, um campo livre as elocubrações dos que trabalham para a elevação scientifica da Armada.

Deixando o alto cargo que tão bem soubestes desempenhar, nos assiste a esperança de vêr as paginas da *Revista* novamente abrilhantadas pela competencia technica de vossa penna, ministrando-nos lições proveitosas e ao mesmo tempo apontando aos nossos companheiros de armas o caminho a seguir para affirmar que a Marinha Brasileira estuda e cura de sua missão.

Quanto a nós, obscuros obreiros, faremos o nosso dever tanto quanto nos seja possivel. Termino : n'este momento a nossa humilde individualidade desaparece para representar a *Revista Maritima*, isto é o órgão de publicidade da Armada, o qual por sua voz autorisada vos saúda e vos diz como espontanea homenagem de reconhecimento :

Deus vos proteja, illustre Almirante !»

O Sr. Ministro respondeu brindando ao orador e ao Capitão-Tenente Paulo do Couto, Director da Bibliotheca e seus auxiliares pela boa ordem, asseio

e intelligente organização que tem tido aquelle estabelecimento que lhes fôra confiado.

A's 2 horas da tarde, depois de se haver retirado o Sr. Ministro, que fôra para o despacho ministerial, os officiaes signatarios do termo da inauguração dirigiram-se para o referido salão, onde continuaram o *lunch*, em que se trocáram diversos brindes, entre os quaes o do Capitão-Tenente Paulo Couto ao Sr. Almirante Guilhobel e deste ao Director da Bibliotheca, do Capitão de Fragata Alexandrino ao Capitão-Tenente Adelino Martins, Secretario do Sr. Ministro da Marinha, que pelo seu character alevantado, pela correcção de seu procedimento, tinha sabido conquistar a amisade e a sympathy de toda a corporação. Ao que accrescentou o Sr. Contra-Almirante Guilhobel, que com prazer saudava um dos officiaes mais distinctos e um auxiliar leal e dedicado ao serviço da administração; do Capitão-Tenente Adelino, ao Director da Bibliotheca e deste aos dignos auxiliares do Gabinete do Sr. Ministro da Marinha e ao Capitão de Fragata Alexandrino de Alencar, um dos ornamentos da nossa Marinha.

Depois de mais alguns brindes, o Sr. Capitão-Tenente Paulo Couto fechou-os, saudando ao Sr. Dr. Prudente de Moraes, Presidente da Republica.

E' este o termo da inauguração dos retratos dos Srs. Dr. Prudente de Moraes e Contra-Almirante Alves Barbosa, Ministro da Marinha :

«Bibliotheca e Musêo da Marinha.

Capital Federal, 14 de Novembro de 1898.

Termo de inauguração dos retratos dos Srs. Presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes e Ministro da Marinha Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa—Aos quatorze dias do mez de Novembro de 1898, decimo da Republica dos Estados Unidos do Brazil, no salão principal da Bibliotheca e Musêo da Marinha, foram inaugurados os retratos do Dr. Prudente de Moraes e do Contra-Almirante Manoel José Alves Barbosa, collocados entre os demais retratos dos benemeritos servidores da Patria, existentes no dito salão, de cujo acto se lavrou o presente termo que assignarão todas as pessoas presentes.

E eu Capitão-Tenente honorario Paulo do Couto, Director da Bibliotheca e Musêo da Marinha, para commemorar este acto mandei lavar este que vai por mim assignado.—Paula Antonio Ribeiro do Couto, Capitão-Tenente Director; Manoel José Alves Barbosa; José Candido Guilhobel; Victor Çandido Barreto, Capitão de Mar e Guerra; Francisco Calheiros da Graça, Capitão de Mar e Guerra;

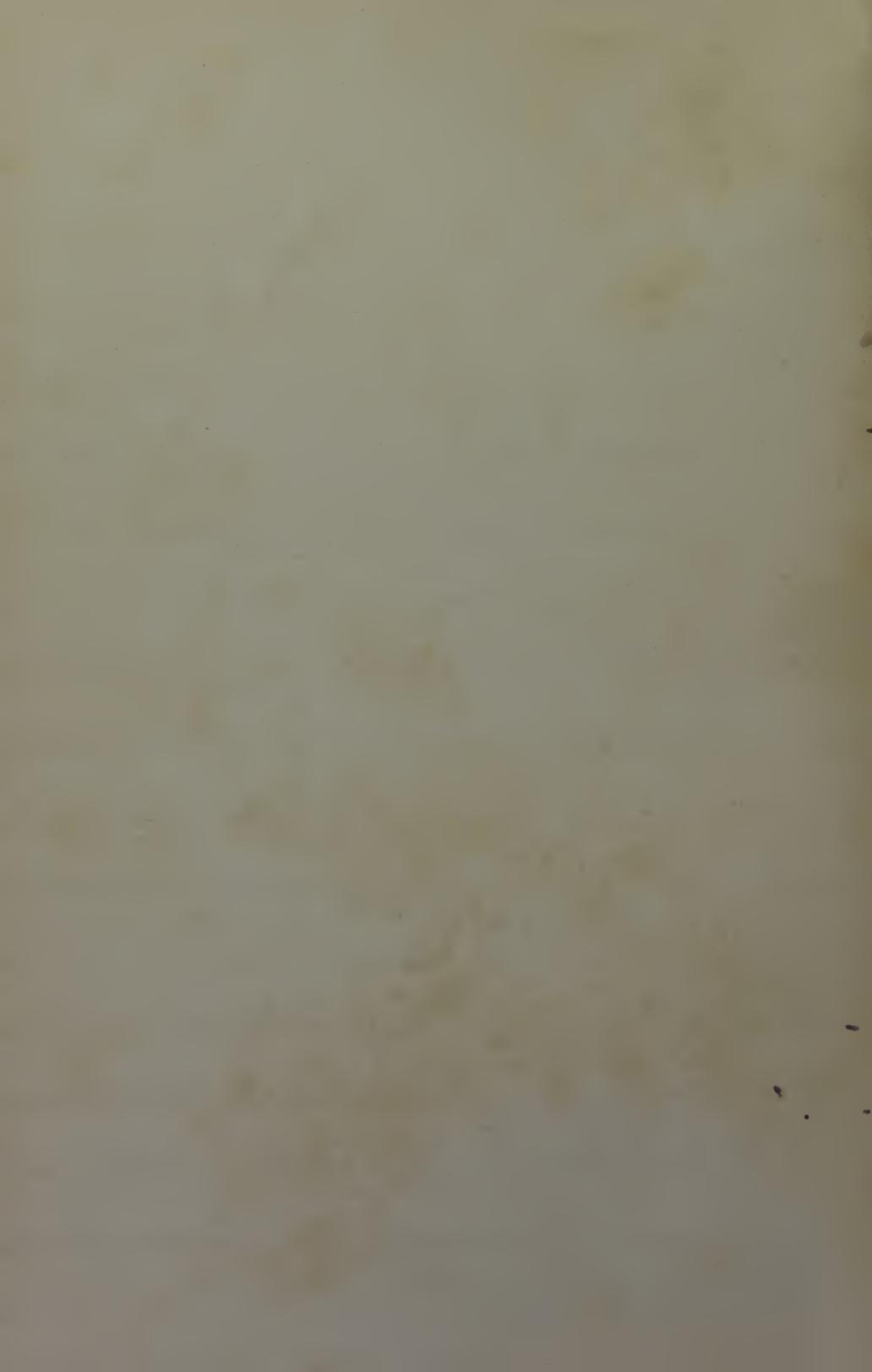
Antonio Carlos Freire de Carvalho, Capitão de Mar e Guerra, Engenheiro naval; Antonio Francisco Velho, Capitão de Mar e Guerra; Carlos José de Araujo Pinheiro; Engenheiro naval Benjamin Ribeiro de Mello; Capitão de Fragata Alexandrino Faria de Alencar; Capitão de Fragata Antonio S. Lobo, Estevão Adelino Martins, Capitão-Tenente; José Maria Souza Leal; Francisco José Marques da Rocha, 1.º Tenente; Carlos Vidal de Oliveira Freitas, Capitão-Tenente-ref.; Antonio Lamego, Arthur Maciel Soares, Leão Amzalak, Pedro Velloso Rebello.»





TYP. DO 'JORNAL DO COMMERCIO' DE RODRIGUES & C.





—
—
—



